

# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 27 de Junho de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 973 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NO DIA DA CRIANÇA



() nosso Edgar, tinha por praia a valeta... Agora, não; brinca nas areias do mar.

● Quase todos os jornais se referiram (e bem) ao Dia Mundial da Criança.

Que frases lindas!:

«Criança é flor. Preparemos-lhe um mundo melhor, mais limpo. Criança é terra cereja onde tudo se grava. Fazer-lhe compreender que, nesta vida, nem tudo são sorrisos. Crise de amor materno... Mães que saem de casa para o trabalho ou reuniões de amigas — e deixam os filhos. Esse maravilhoso botão florido. Testemunho dum pai: «Desde que cortei a televisão aos meus filhos, eles dormem melhor, estudam mais, temos tempo para dialogar e afastei do lar o perigo dalguns programas impróprios para eles». Palavra do Papa: «Abandonar a criança ao seu gosto e responsabilidade — sob a aparência de respeito pela sua personali-

de — é uma atitude de perigoso desinteresse.»

Nações e partidos ergueram a bandeira!

As organizações bateram palmas!

Os jornais e revistas, os discursos!

A Televisão mostrou panteiras e ratinhos!

Que pena não termos mostrado os milhões de crianças que passam fome... Assim, as crianças dos países desenvolvidos ficariam felizes se lhes déssemos oportunidade de distribuírem por aquelas o que a estas sobra e é mesmo prejudicial à sua educação e saúde.

Vi, em África, grupos e grupos de crianças que só tomam uma refeição por dia! E os Estados gastam fortunas em banquetes — e fortunas em armamento para matarem irmãos da mesma raça e cor.

500 mil crianças, na cidade de S. Paulo, dedicam-se ao roubo. A polícia prende centenas, mas logo pela manhã abre-lhes as portas para darem lugar a outras.

As barrigas grandes da sub-nutrição e os grupos de refugiados em tantas partes do mundo!

E nas paredes das Escolas destes países há cartazes em destaque com os Direitos da Criança!

E nas grandes Escolas das grandes nações, os mesmos cartazes! Mas em vez de leite mandam armas.

É ridículo bater palmas quando só uma coisa urge — estender o prato aos que passam fome... e, logo a seguir, ensiná-los a aproveitarem os seus próprios recursos. E as nações ricas podiam fazê-lo.

● Temos todos a tendência, quando nos referimos às crianças, de as retratar ou imaginar bonitas e felizes. Suas festas, com muitos brinquedos e gulodices.

Há pais para quem os filhos são únicos e tudo!

Faz anos, encontrei um pai — na nossa Aldeia do Calvário, à porta da casa dos meninos deficientes mentais e físicos — debulhado em lágrimas. Perguntei o que tinha acontecido — e ele confessou-me, entre soluços: «Nunca pensei que houvesse crianças a sofrer tanto! Tenho vivido unicamente para os meus filhos, bonitos e sãos. Esta lição fez-me ver o meu egoísmo!»

● Também uma grande parte das festas que se fizeram, neste dia, não atingiram a Criança no seu todo e suas necessidades. Talvez os adultos ficassem cansados e contentes...

Pai Américo conta-nos de como, um dia, num hotel dumas termas, umas senhoras da «alta» organizaram um grande almoço para doze crianças pobres. Primeiro, o pediatra pelos banhistas. Depois, o aparato faustoso e ultrajante de doze crianças tímidas e atrapalhadas sem saberem o que fazer da comida, dos talheres

## Uma DEPRECAÇÃO

Passei há dias de Valongo a S. Pedro da Cova. Levava um bocadinho de tempo e fui ver com meus olhos o que os ouvidos tinham escutado já do Sanatório (!) de Montalto.

Quando «se conta um conto, costuma-se acrescentar-lhe um ponto»; e eu, fiado no adágio, pensei que não seria tanto assim. Era... E! Daquela belo edifício naquele belo lugar, restam paredes ao alto, conspurcadas pelas «pinturas murais» que a deseducação cívica e a ausência dos mais elementares princípios éticos tornam possível, tornam real.

Nem a Capela escapou! A Capela onde officiei uma das primeiras Missas que ali se celebraram. Onde os nossos padres fizeram a preparação da primeira Páscoa que ali se festejou. A que extremos chegou a profanação!

O Sanatório de Montalto foi obra da Associação dos Tuberculosos Pobres do Norte de Portugal, a que se devotou apaixonadamente até ao fim dos seus dias, o Professor Doutor Lopes Rodrigues.

A tuberculose era então (e falta saber até que ponto não será ainda...) um flagelo social. Pai Américo sofreu-o intensamente e inquietou-se com ele desde os seus tempos de Recoveiro dos Pobres nas ruas de Coimbra até à era de visitador do Barredo. Tanto que foi mesmo por aí o começo da Obra da Rua com a Casa de Repouso do Gaiato Pobre, intenção primeira e destino inicial da nossa Casa de Miranda do Corvo!

Pois também Pai Américo subiu um dia a Montalto e viu paredes enguidas e telhadas (nem sombra de telha agora existe!) esperando o acabamento interior. A construção parara por

falta de meios. Doutor Lopes Rodrigues estimava em mil contos o necessário para romper o ponto-morto e levar a obra a termo. Pai Américo voltou para casa a remoer e escreveu «Uma deprecação» que O GAIATO transportou ao Terreiro do Paço onde se gastava no pelouro da Assistência esse Homem bom e Amigo inesquecível que foi o Dr. José Guilherme de Melo e Castro.

A resposta não tardou: Os mil contos vieram. Obras retomadas, eis-nos na ante-manhã do dia feliz em que poderia fazer-se a chamada dos primeiros Doentes.

Tudo isto aconteceu há vinte seis, vinte sete anos, Pai Américo partiu para o Céu antes do alvorecer desse dia. Mas o pacto firmado por ele entre os outros dois grandes corações, agora, assim o esperamos, seus companheiros, envolveu-nos também. Daí a nossa presença solidária nas horas doces e amargas da vida do Sanatório de Montalto — e nesta já longa hora de morte.

Pois aceitemos que o Sanatório já se não justifica como tal. Aquelas pedras ao alto são ainda um valor a reclamar ressurreição.

Se a tuberculose não urge (que bom!) — há o campo imenso das doenças psiquiátricas; há a necessidade de centros de restabelecimento para quem não deve ocupar mais um leito hospitalar, mas não tem onde convalescer; há (sei lá...) outras carências sociais no sector da Saúde que ali teriam a sua resposta adequada.

Continua na 4.ª página

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Afrouxou o número de Auto-construtores dos estratos mais débeis.

A falta de terrenos (!), a burocracia, a inflação e menor poder de compra são (alguns) dados que travam a Auto-construção em meios rurais não abrangidos pelo caudal de divisas da emigração.

Há dias, voltámos a dar a mão a dois que já carregam a cruz até ao monte do Calvário:

Um, é trabalhador da construção civil; aliás bom artista. Motivámos o jovem, sériamente, antes da galopante inflação. Esmoreceu. Todavia, a renda de casa e as possibilidades de levantar uma moradia por suas mãos e dos companheiros de trabalho despertaram-no, entretanto; e ninguém o segura. Todo ele é fogo!

— V. tinha razão!

— Já perdeste dezenas de contos...

— É verdade. Teria casa pronta e muita coisa paga...

Ainda dá voltas por mor do terreno. Depois, mais rodopio. Segue, porém, com grande embalagem.

— Se vejo isto a andar!...

Outro caso:

Ele e ela são trabalhadores que andam por lá, na cidade do Porto — e aqui é o seu *dormitório*.

Sofreram muitos problemas com o terreno; desfasamentos e imposições que não dizem nada bem da legislação em vigor e desmotivam os mais tímidos! Foram obrigados a investir em infraestruturas do domínio público, pela mão do vendedor; quando países há onde o construtor quase mais não faz do que levantar a moradia... Superada a crise, está já ocupado no projecto da habitação e na papelada necessária ao investimento requerido, que preenchemos; não sem fazermos uma prospecção, para nos certificarmos da instituição de crédito mais rápida e eficaz na matéria — com a vantagem da bonificação de juros.

— Oh! meu amigo, s'a gente não tem quem nos bote a mão..., estamos naufragados!

Ainda que nem um sino, de repartição em repartição. Pois o casal reside numa baíuca..., que o motivou para a luta heróica de concretizar uma acção absolutamente de acordo com as disposições legais. Poderia ser menos onerosa, menos difícil..., se a Auto-construção fosse encarada, oficialmente, com a atenção que merece!

Ora, por isto e mais aquilo, aí vão outras achegas — como prometemos — sobre as Jornadas Luso-Suecas de Habitação, que decorreram na Gulbenkian:

«Deveríamos construir pelo menos 65000 fogos por ano. Este ano, com o atraso nos programas do sector público, nem a metade devemos chegar. O parque habitacional não é conservado e o número de novas residências a construir torna-se ainda maior. Os poucos programas sociais promovidos pelo Estado estão paralisados e as câmaras municipais continuam sem uma demarcação clara de poderes e sem dinheiro.

No nosso País, a política de habitação tem resultado da acção... do Banco de Portugal. Na verdade, os planos que se estabelecem não são articulados com as disponibilidades financeiras necessárias à sua execução. É em cada ano que se sabe quanto se pode gastar, e os planos acabam subvertidos pelos cifrões.

Entre nós continua-se a pensar que a política de habitação é fazer casa. Elaborar projectos, escolher e comprar terrenos com antecedência e garantir a obtenção de dinheiro para levar a cabo as metas fixadas é coisa em que não se pensa.

Ora, como de ano para ano, as condições dadas se alteram, a actividade do sector público anda aos altos e baixos e a carteira de encomendas do sector privado ressentem-se.

Basta recordar que em 1978, o Estado lançou muito poucos fogos, e em 1979 não lançou nenhuns. Em 1980 lançou o que tinha deixado acumular durante os anos anteriores e este ano, até agora, nada se fez.

Desta forma, a indústria da construção civil, que depende em boa parte das obras adjudicadas pelo sector público e pelas cooperativas de habitação para encher a sua carteira de encomendas, não consegue programar a sua actividade.

Como é lógico, nenhum empresário se mete em despesas, adquire novos equipamentos ou ensaia novos processos de trabalho sem saber que obras vai ter nos meses seguintes. E, conforme foi salientado nas Jornadas, só se a indústria tiver trabalho garantido é que se poderá reorganizar e melhorar a produtividade.

«Vale mais uma casa pobre que nada.» Foi com base neste princípio que os suecos lançaram programas de emergência para resolver (com sucesso) as carências mais gritantes no seu país.

Diversos intervenientes nas Jornadas propuseram soluções de emergência para um problema — o da habitação — que entre nós está à beira de atingir uma dimensão catastrófica.

No que se referiu à falta de «uma interligação entre as políticas de terrenos, de construção e de financiamento, diversos oradores chamaram a atenção para a necessidade de:

● rever a legislação no sentido de admitir soluções de emergência para casas feitas em regime de Auto-construção. Em lugar de exigir padrões de qualidade que nem a indústria privada respeita, admitir e legalizar soluções simplificadas;

● legalizar situações até agora consideradas marginais como os bairros da lata e os bairros clandestinos, abrindo caminho à sua recuperação;

● melhorar o estado de conservação do parque, o que passa por operações-piloto...

O cadastro da propriedade urbana tem, entre nós, um atraso de nada menos de seis anos, o que levou um professor universitário a considerar esta situação «completamente ridícula na época da Informática».

E, em Ano Internacional do Deficiente, o recenseamento da população nada investigou sobre as chamadas «necessidades especiais de habitação». Enquanto os regulamentos portugueses nada dispõem a este respeito, nas escolas suecas de arquitectura os estudantes fazem passeios

de cadeira de rodas por edifícios para sentirem na prática as barreiras arquitectónicas de deslocação dos deficientes.»

**PARTILHA** — Aquela nossa boa Amiga de Aveiro, para quem «O GAIATO é um acordar de consciências», manda «pelo «Ri-Ri» 2.000\$00 para a Conferência».

Mais uma perseverante, de Coimbra: outro tanto «para uns velhinhos, por alma de meus Pais Helena e João».

«Uma Amiga», do Porto, com muita delicadeza d'alma, «deixa uma lembrança muito pequenina para a Conferência». E, com «um abraço de muita amizade» — que retribuimos — esclarece: «Dêem-lhe o destino que melhor entenderem».

Senhora da Hora, vale de correio de 500\$00.

Canadá:

«Espero que este cheque (30 dólares) lhes seja entregue. Tem o destino de ajudar a consolar uma necessidade».

Ao mesmo tempo digo que é por alma de meus tão queridos Pais, que Deus chamou.

Se possível, um anunciozinho em O GAIATO que vou recebendo e leio com tanto gosto.»

Por fim, «Velha Amiga», de Lisboa, 700\$00 — «minha pequenina contribuição de Abril, Maio e Junho».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**PRAIAS** — A época balnear, em nossa Casa, coloca muita gente numa azáfama constante. A lista dos turnos requer muito cuidado, não vá alguma oficina ficar quase deserta...

As faxinas semanais ficam com vagas, sendo necessário preenchê-las. Contudo, todo o esforço é recompensado, pois as férias são acima de tudo um descarregar de nervos, de canseiras, de um ano que foi simplesmente... incrível!

O 1.º turno já se encontrará em Azurara, gozando merecidas férias. Contra o habitual, não foram primeiro os mais pequenos, visto que as aulas só agora terminam.

Nos anos anteriores, tudo correu bem. Que este ano seja melhor!

**CURSOS** — Cada rapaz possui o direito intrínseco de escolher o seu officio, dentro dos existentes em nossa Casa.

Esta livre opção é, muitas vezes, deturpada por alguns, que confundem poder escolher com querer ser. Em nossa Casa, há algumas artes que dão possibilidades a qualquer um de singrar no futuro.

Vem ao caso o curso de Serralharia Civil iniciado há já algum tempo, conforme foi anunciado na altura — orientado pelo S. N. E.

Tudo corre da melhor maneira: interesse, seriedade, empenho posto nos que o frequentam.

Henrique e Godinho frequentam, no Porto, o de Soldadura Electro-

-Arco. O mesmo interesse, a mesma seriedade.

A formação profissional está em jogo. Têm-na em mãos. Cabe saber jogá-la, sériamente.

**OBRAS** — As habitações da nossa Aldeia estão umas mais do que outras a precisarem de obras.

Uma após outra, isso acontece. Depois da casa 4, a casa 3 cujo 1.º andar já está a ser habitado por 29 rapazes mais o sr. P. e Telmo. O rés-do-chão caminha a olhos vistos para a sua conclusão, prevendo-se para breve a sua reabertura.

Quem espera sempre alcança!

**AGRICULTURA** — A actividade agrícola, quer faça chuva quer faça sol, tem sempre que contar.

Neste momento, semeado está o milho e a necessitar já de uma primeira sachadela; sulfatado está o vinho; e o trabalho que se impõe, nesta altura, é a apanha da batata. Trabalho árduo que movimenta muita gente, na maior parte miúdos.

A rama irá ser cortada, as batatas apanhadas, o serviço cumprido.

A realização do Rapaz!

**SAPATARIA** — As botas foram arrecadadas, as sandálias circulam em nossos pés.

Logo no primeiro dia encontrei um miúdo que as tinha já rebentado. Perguntei o porquê. A resposta não se fez esperar:

— São velhas!

Necessitamos de sandálias! As que temos não chegam para todos! Leitor amigo: quando és solicitado, correspondes. Porque não desta vez?

Desde já, um antecipado muito obrigado.

Morgado



**PROVAÇÕES** — Todos somos mais ricos de forças divinas do que pensamos. Até aqui têm vindo pessoas com provações bem dolorosas. Mas cheias de vitalidade interior, que consideramos a presença de Deus em almas sangrando, se assim posso afirmar..., irradiando permanente mobilização perante a vontade de Deus.

Um casal de meia idade, juntamente com outras pessoas vieram aqui, num carro de amigos. Em contraste com outras pessoas que faziam perguntas por tudo e por nada e de vez em quando saltavam exclamações de espanto pelo que viam nas pessoas e nas coisas, notei que o citado casal ia vendo e movendo-se com evidente interesse, silencioso. Mas, como que abafando soluços, discretamente tiraram os lenços. Ficaram para traz para não darem motivo a reparo. Chegados ao «Espigueiro do Pão Vivo», juntamente com outros acompanhantes — propositadamente não sabemos — tive, então, o ensejo de falar a sós com o casal. O marido, como porta-voz, foi falando e desabafando:

— «Já passámos ambos a «casa» dos 50 anos. Vivemos em casinha pequena e humilde. A minha mulher

andava aos dias, lavando roupas e esfregando casas. Veio o reumático e agora não consegue mais fazer esses trabalhos. Os irmãos eram 9 e ela, como mais velha, teve de começar a trabalhar na altura em que devia entrar para a Escola. Pois os pais também nunca tinham andado a estudar... Limitou-se a ter que ganhar uns patacos...

Eu trabalhei sempre no campo. Há um ano tive um acidente e estive internado num hospital durante dois meses. Fiquei sem poder trabalhar. Vivemos de pequena «tença» que conseguimos arranjar. Temos um filho anormal. Não viemos pedir que ele venha para aqui. Não! Mas arranjar coragem e pedir para rezarem por nós. Enquanto tivermos a pouca saúde que Deus vai dando, não daremos o nosso filho! Ainda que tenhamos de passar mais provações do que aquelas que passamos!»

E eu senti remorsos. Quis barafustar porque eles depositaram nas minhas mãos uma nota de 50 escudos! Apenas consegui ficar imerso em meditação, sobre os degraus da capela, acerca da dimensão extraordinária que o amor humano pode assumir.

**EXPERIÊNCIA** — As obras das quais o Espírito Santo é o artesão não se limitam às nossas relações com os Outros. Para mais quando se trata de pessoas doentes físicas ou mentais; e, em certos casos, dos dois males. Perante Deus há necessidades de adaptação.

Para os Padres Obreiros a simplicidade e a confiança são elementos bastante necessários. Ora, Padre Carlos esteve connosco durante o pequeno espaço que durou o descanso bastante urgente de Padre Baptista — como aliás foi referido neste jornal. Embora não o tenha dito, creio que para Padre Carlos foi uma experiência válida no ambiente do Calvário. E talvez tenha sentido afirmar — mais uma vez — que a grande dificuldade está em que nós só aceitamos este viver com a esperança de chegarmos a Deus através da Fé. Eis o que falta no mundo de hoje!

Manuel Simões



**FESTAS** — Já foi tudo praticamente dito no «Aqui Lisboa» sobre as Festas e de como decorreram. Volto agora ao assunto apenas para dar a palavra aos mais novos e ouvir o que eles têm para dizer:

«A Festa é uma coisa que nós fazemos todos os anos no Monumental e em Loures.

Custa muito aprender nos ensaios. Eu gostei mais do Zé Manuel no «Canta mas não mente» e da peça.»

— João Pedro «Bilas»



# Do que nós necessitamos

Da Senhora das rosas, 5 contos. 500\$ do Hospital de Santa Maria, de pessoa amiga. 300 francos franceses do «Tio Cartachito». 500\$ de Vila Flor. E 5 dólares do Canadá. Duas irmãs Cinfanenses, 1.000\$. Da R. Duque Saldanha, 3 contos. Mais 2.000\$ de Cruz de Pau. 500\$ da capital. 100\$ do ass. 19.177. Alzira com 5.000\$. De Columbina, 3.000\$. Mais um cheque de 5 dólares, de Fall River. Vale de 100\$, de Suluz, «agradecendo a graça de ter ficado bem no exame». 200\$ de Lisboa. De Avintes, vale de 1.500\$ por alma de Joaquim e Helena. E 1.000\$ duma professora primária. E de associados da Obra de Santa Zita, 12.500\$ dum ofertório.

Da fábrica de malhas Coral, donativo de 50 contos e muito carinho. 500\$ da Póvoa de Varzim. Duma primeira reforma de velhice, 1.000\$. De Maria Helena 1.020\$, sufragando a alma dos seus entes queridos. 100\$ de Avintes. Emília com 500\$. Da «recoveira» do Bairro da Pasteleira, 2.000\$. Cheque de 5 mil. Mais 500\$ de Braga. 2.000\$ da mãe Irene. Roupas de Faro, da ass. 12.844. Por alma de Maria da Conceição, 1.000\$ de Vila do Conde. 200\$ de Alvaiázere. Anónima de Fátima com 4.000\$. Por intermédio de Amigo que nos visitou, cheque de 85 contos. De Pardelhas, 2.000\$ por alma de Mário Rogério Oliveira. 2.000\$ de Sendim. Em cumprimento duma promessa, 5.000\$ de Gafanha da Nazaré. Os habituais 150\$ em selos de correio, mensalmente vindos da Amadora.

Rua Barros Lima, cheque de 2.000\$. De Ferragudo, 1.000\$. Pelas mãos amigas do Pároco de Mafamude, 500\$ duma sua

paroquiana. Cheque de 15 contos, de Barcelos, parte de uma promessa. E 3.000\$ de algures. De Cête — mesmo aqui ao pé da porta — 500\$ de assinante amigo, pedindo orações pela saúde de todos os seus. 5.000\$ de anónimo de Braga. 2.000\$ de Mação. E cheque de 25 contos, de Nelas. 10.000\$ de S. Romão de Coronado. 500\$ dum anónimo de Cacia. De uma promessa, 2.500\$ de Castêles. Por uma graça recebida, 1.000\$ de Castelo Branco. 250\$ de Cucujães. De Maria Teresa, da Casa dos Pescadores de Aveiro, 500\$ e muita amizade.

Cheque de 20.000\$, de Coimbra. 1.000\$ da R. Maria Andrade. Por intermédio do Pároco de Pessegueiro do Vouga, 2.000\$ duma sua paroquiana. E 3.000\$, «primeira reforma de meu marido». Mais 1.500\$ de Ermesinde. Das filhas da saudosa ass. 10.737 e de aumentos de ordenado, 3.000\$. Pedindo orações, 5.000\$ de S. Miguel d'Acha. Ass. 3.978 com 5.000\$. De Lisboa, 500\$. Maria Helena com 2.000\$. Em cumprimento duma promessa, 250\$ de Santarém. Cheque de 26.000\$, do assinante 12.029. 2.000\$ de Maria Antónia. 500\$ de Torres Novas. Ass. 4.931 com 1.000\$. De Maria Amélia, de Santo Tirso, 200\$. Mais 500\$ duma reformada. Da Carpintaria Malangina, de Paços de Brandão, cheque de 5 contos. Assinante 31.379, 500\$. E a presença da «velha» assinante de Monte Estoril.

Av. João XXI, cheque de 2.000\$, de quem aparece muitas vezes. Vale de 1.090\$ dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha Mercante. Cheque de 2.500\$, de Filomena e Família. 1.000\$ do ass. 31.218. Por

alma de Ana e Joaquim, 200\$ de Valongo. 100\$ de Celeste, por duas vezes. E 5.500\$ de Nisa. Vale de 500\$, duma Maria do Céu, de Guimarães Ass. 31.855 com 230\$. Por alma de José Joaquim Batista e Dulce Batista, 500\$. E por alma de Joaquim Pereira dos Reis, igual quantia. 1.000\$ de Mirandela. 100\$ de um amigo. 200\$ de Fátima. 500\$ de Mealhada. Cheque de 3.000\$. 1.000\$ de Juliana. Mais 1.500\$ de Famação. E 1.000\$ de Cedovim. Assinante 19.310, de Johannesburg, cheque de 3.467\$. Do grupo motorizado «Boa Nova», de Mazarefes — Viana do Castelo, 1.000\$.

Das crianças da Catequese de Baguim — Rio Tinto, 400\$ «fruto de sacrifícios e privações na Quaresma». Anónima de Coimbra com 5.000\$. De Aveiro, 500\$. Aurora com 20\$. Ass. 19.784 com 100\$ «por alma de seus pais». Mais 500\$ e roupas da ass. 26.403. E 100\$ de Lisboa. 2.000\$ do Porto. «Para o pão das vossas necessidades», 500\$ de algures. 3.500\$ cruzeiros de Cristina. 500\$ de Paço de Arcos, em comemoração dum aniversário. E abrimos alas. Passam agora algumas das Escolas que nos visitaram. De guloseimas a brinquedos, passando por calçado e vestuário, todas elas, mais ou menos, deixaram suas ofertas. Ei-las: Escola de Aldriz — Argoncilhe, Esmoriz — Famação, Vilar de Andorinho, Cabo Mor — Gaia, n.º 2 de Ovar, Amarante, Celorico de Basto, Guimarães, Vallbom, Aldoar — Porto, Cidade Jardim — Maia, Vergadã e Gondomar.

Portador de muita ternura, cheque de 1.000\$, de Emília. 500\$ de Angélica. 2.000\$ de Cruz Quebrada. 1.000\$ de Carviçais, «em memória de meus pais». E 3.000\$ da capital. De Águeda, 2.000\$ pelas almas do Purgatório. Mais 4.500\$ de Maria Emília. 500\$ de algures. De Braga, 1.000\$. Cheque de 9.000\$, entregue cá em Casa ao chefe dos cicerones. 1.500\$ da Covilhã. Amigo de Portalegre com os 1.000\$ mensais. De Aveiro, um grupo de crianças da Catequese, com muito carinho, envia 605\$. Assinante do Lar de S. Francisco, em Leiria, com 1.000\$. De Maria Júlia, «gota» de 100\$. Mais presenças de todos os meses, de Leiria, Fundão, Fiães, Figueira da Foz, Ermesinde e Porto. De «Os Pintadinhos de Paranhos», 100\$. Anónima de Águeda com dois cheques de 5.000\$.

Mais o que os nossos amigos depositam no Espelho da Moda ou entregam em mãos no Lar do Porto. De Gaia, 1.000\$ de um pai comemorando a comunhão solene de sua filha, que roga a Deus a cubra de bênçãos. E 300\$ de Rodrigo José, de 10 anos, com muito amor.

São estes e outros donativos que, muito em silêncio, nos fazem levantar as mãos ao Pai do Céu, agradecendo-lhe o pão de cada dia.

Manuel Pinto

## Retalhos de vida

### O Henrique



Sou o Henrique Jorge Vieira Lopes, natural de Vila Nova de Gaia, onde nasci a 10 de Janeiro de 1969.

Estou na Casa do Gaiato porque a minha mãe é pobre e eu fugia muito de casa.

Ela fartava-se de chamar por mim e eu só aparecia lá para a meia-noite! Castigava-me... Depois de todos começaram a dormir eu até ia aos frangos. Não passava fome, lá isso não.

Numa certa ocasião, estava com apetite. Um colega arrasta-me até à fábrica onde trabalhava. Entrámos por um buraco. Fomos ao arroz, aos bolos e aos pães pequeninos. Um dia assaltámos um pombal. Trouxemos pombos. Mas quando entro em casa minha mãe ralha:

— O que é isso, meu filho...?!

— São pombas...

Lembro, ainda, outra aventura: Tirei 100\$00 a minha pobre mãe, que julgou fosse obra do meu irmão. Procuraram-me, eu estava nos carrinhos e segui para casa rapidamente. Quando cheguei, ela ralhou muito e disse-lhe a verdade toda.

Agora, na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com umas vistas lindas, estou muito bem. Trabalho e estudo. E quero sair daqui um homem para a vida.

Henrique

## Dia Mundial da Criança

# HOMENS D'AMANHÃ

N. da R. — Por força da natureza específica da Obra da Rua — Família para os sem-família — é certo que vivemos, permanentemente, os objectivos fundamentais do Dia Mundial da Criança. No entanto, os mais pequenos da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, assinalaram o dia 1 de Junho à sua maneira — e testemunham por suas próprias mãos:

● Quando tinha 9 anos, minha mãe deixou-me por lá. Tinha fome e andava a pedir comida. Levava pancada de todos e, à noite, dormia ao luar e ao frio.

Depois disto tudo, vim para a Casa do Gaiato. E, agora, sou feliz. Por isso, desejo a todas as crianças que tenham o amor e o carinho que eu não tive.

Na Escola festejámos o Dia Mundial da Criança com corridas de sacos, de sapatos e jogámos à cabra-cega. No fim, houve distribuição de prémios.

Paulino

● Gostei muito do Dia Mundial da Criança porque fizemos muitos jogos aqui, na Escola, durante a manhã. E, da parte de tarde, fomos a Leixões ver um barco inglês, onde nos deram rebugados, refrescos e ovos de chocolate. Depois quisemos agradecer, mas não pudemos porque eles falam inglês.

Nós temos muitos carinhos e não passamos fome. Mas há gente que anda pelas ruas a pedir, pois não têm dinheiro, carinho, nem amor.

Carlos de Jesus

● O Dia Mundial da Criança é para a Criança ser alguém na vida e ficar contente pelo seu dia 1 de Junho.

Para mim, todos deviam ser amigos e brincar sem bater. Não serem maus uns para os outros.

No mundo há muitas pessoas amigas dos pequenos e dão-lhes muitas coisas. Mas também há muita gente que, às vezes, quer matar as crianças.

Carlos Alberto

● 1 de Junho é o dia em que todos devemos fazer a maior festa. As crianças são os continuadores do mundo e farão desenvolver a Terra, cada vez mais.

Cont. na 4.ª pág.

«Mais uma vez nós, gaiatos, fizemos duas Festas. Nós somos felizes e todos os anos representamos para mostrar às pessoas a Obra de Pai Américo. Eu gostei imenso e também representei. Gostei mais do bêbedo». — Albino

«Eu gostei muito das nossas Festas. Foi tudo trabalho dos nossos Rapazes. Foi tão bonito quando o nosso Zézinho foi fazer a apresentação dos números! Falo também da Senhora de Loures que nos ajudou a arranjar as roupas e pediu emprestado às pessoas amigas. Ela sempre quis o bem dos Rapazes». — Joãozinho

«Nos dias 10 e 16 de Maio realizaram-se as Festas desta Casa. A Festa tem qualquer coisa que eu não sei explicar. Eu gostei muito do número dos cowboys e do Zézinho, mas mais da peça. A peça diz-nos qualquer coisa sobre o problema da droga. A Festa não são os bolos nem os rebugados. Eu agradeço às Senhoras que nos ajudaram». — «Binaca»

«A nossa Festa foi muito divertida. As pessoas aplaudiam com fortes palmas.

Os nossos «Batatinhas» iam bem vestidos de bombeiros assim como as alcoviteiras.

Também cantámos a canção da

mamá para todas as mães do mundo inteiro e a «Voz da Esperança» com os «Batatinhas». — Paulo José

«Os gaiatos fizeram a Festa no dia 10 de Maio, no Monumental.

A peça fazia algumas pessoas chorar. Um dos ensaios que eu gostei mais foi o do Zé Manuel no «Canta mas não mente». — Paulo Alexandre

ROUBO — Mais uma vez vimos pedir a vossa colaboração no combate à pouca vergonha que é andarem umas «senhoras», em nome da Casa do Gaiato ou de «crianças abandonadas» que não existem..., a exigirem dos transeuntes 15\$00 pela colagem abusiva dumas fitinhas feitas de sacos de plástico.

Todos sabem que a Casa do Gaiato não faz peditórios na rua, limitando-se apenas à venda do jornal por Rapazes seus e devidamente identificados. Por outro lado, qualquer peditário, seja qual for o fim a que se destine, tem sempre uma autorização prévia e é do mesmo dado conhecimento geral através dos meios de comunicação social para evitar dúvidas.

Trata-se duma forma bastante «inocente» de roubar as pessoas...

Jorge

# Aqui, Lisboa!

□ Dizíamos num dos últimos números de O GAIATO que a Família deve ser encarada pelos cristãos em três níveis distintos, mas inseparáveis: o antropológico, o ético e o sacramental; que só assim o Matrimónio seria considerado no seu todo. E mais, que o valor jurídico do Matrimónio dimanava necessariamente daquelas três facetas e nelas se encerrava.

Falámos do aspecto antropológico. Referiremos hoje o valor ético, de que o primeiro é inseparável e que constitui, por assim dizer, a sua moldura e a sua grandeza. Todos nós, no viver e existir, não podemos deixar de nos referir a princípios ou normas inalienáveis, centros da nossa própria personalidade no relacionamento com os nossos semelhantes. Toda a cultura está embebida do «etos» que determina fun-

damentalmente toda a existência humana.

Os princípios ou normas referidos, base de toda a ética humana, constituem aquilo que ordinariamente apelidamos de «moral», que não é, todavia, fruto de meras convenções sociais ou de codificação jurídica de regras, antes brota da própria razão e da ordem natural das coisas, que a inteligência humana apreende e percebe, para reter e sublinhar.

Diz-nos, pelas razões aduzidas, o Concílio Vaticano II: «Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer... De facto o homem tem uma lei escrita por Deus em seu coração. A sua dignidade está em obedecer-lhe e segundo ela será julgado» (G. et Spes, 16).

Todos os dias sabemos de dissoluções familiares, jurídicas

ou de facto, que nos entristecem e perturbam. Quem anda metido nesta vida tem muitas ocasiões de constatar o descalabro moral que grassa a todos os níveis sociais, mormente dos mais favorecidos e responsáveis. Ainda um dia destes soubemos de alguém que abandonou a esposa, deixando-a com sete filhinhos. Mas isto, que se faz como quem bebe um copo de água, é espectáculo de todas as horas, com as consequências mais graves.

Um materialismo diabólico, um relativismo moral, sem medida, e um egoísmo feroz, ao sabor das paixões mais baixas, levam a obliterar as consciências, impedindo-as de captar os ecos ou ressonâncias de uma equilibrada formação moral e a repelir os apelos dos sentimentos de nobreza que há no coração de cada homem, apesar de tudo, mas que só em Família podem ser e viver-se em plenitude.

A Família, instaurada no Matrimónio sério, consequência do amor existente entre dois seres, que deve sempre progredir e para quem as próprias tensões devem ser ocasião de maior esforço unitivo, é assim, um valor ético fundamental. Destruir a Família é contribuir para a destruição da própria sociedade, que a supõe e a exige.

□ Ao serviço da Casa que nos está confiada, passando pelas Beiras e Norte do País,

## No dia da Criança

Cont. da 1.ª página

e dos guardanapos! Até meteu discurso!

Sairam com a cara enfiada e triste... A festa não foi deles.

As senhoras, sim, ficaram felizes — pois satisfizeram o seu capricho.

● No próprio Dia Mundial da Criança, vi um dos nossos padres, no meio do largo da sua Aldeia, completamente esmagado, numa atitude de frustração. Ao fundo da avenida seguia um táxi. Levava um rapaz que cresceu na sua Casa do Gaiato desde pequenino. O pai veio e quase sem uma palavra o agarrou e levou. É já crescido e tem facilidade de emprego. Será o sustento das suas bebedeiras, pois é alcoólico.

A Lei não dá nenhum direito ao que criou com lágrimas; e todo ao que gerou (mesmo num acto impensado) e é incompetente para educar.

A mesma Lei, no próprio Dia Mundial da Criança, o entregou nas mãos dum pai que nunca se preocupou com ele — e agora o utiliza como se fosse uma ferramenta.

Padre Telmo

mais se arreigou em nós que o chamado país real, trabalhador e sofredor, nada ou pouco tem a ver com aquele que correntemente nos aparece nos meios de comunicação social ou na voz dos políticos e dos reivindicadores habituais das praças públicas, ao fim e ao cabo verdadeiros privilegiados.

É um desabafo, que mais não nos permite a vida de compromisso que levamos. É também uma palavra de homenagem e de respeito por todos aqueles que, nas fábricas ou nos campos, novos e velhos, tantas vezes esquecidos, vão cumprindo os seus deveres, em esforço titânico, quicá para além das suas próprias forças, sem contrapartidas e, não raro, em condições degradantes.

Permita-se-nos ainda referir um quadro desolador, em plena baixa do Porto, como tantos outros que temos visto, de dois parafíticos em cadeiras de rodas (vá lá...), estendendo as mãos à caridade pública. É que,

Amigos, ficámos na dúvida se se trataria de publicidade ao Ano Internacional do Deficiente ou a alguma das iniciativas em curso a tal pretexto.

□ Vamos aguardando que nos seja feita Justiça. Queremos referir que continuamos a pagar consultas, análises e radiografias sempre que temos de levar algum dos nossos Rapazes aos Serviços Médico-Sociais! Duas respeitadas cartas enviadas a quem de direito, nem sequer tiveram qualquer resposta, que a burocracia é pesada ou os fracos não têm voz. Sabemos que há problemas grandes a estudar e a resolver, mas também temos a noção da evidência e da justeza da causa posta e da simplicidade requerida para a sua solução. Não nos digam que ainda viremos um dia a ser colectados por teimarmos em procurar fazer, para lá das nossas fragilidades, algum bem!

Padre Luiz

## HOMENS D'AMANHÃ

Cont. da 3.ª página

irão brincar com eles e elas.

Joaquim

Eu gosto muito de ser criança porque temos mimos de todos e também mais vontade de brincar.

O Dia Mundial da Criança é festejado para dar mais valor à criança e para termos mais confiança.

Simões

● É muito importante o Dia Mundial da Criança, porque nós vamos crescendo e divertindo mais o mundo.

As crianças quando forem grandes e já tiverem idade de casar, casam-se. E, depois, irão ter outros meninos e

Félix

## Convívio de Gaiatos de todas as gerações

16 de Julho é o dia de Pai Américo. E a festa é nossa — de todos os gaiatos.

Vem até nós... É o primeiro grande Convívio dos que deixaram as nossas Casas de norte a sul do País — e África também.

Vem a uma delas. Traz a tua mulher, filhos e netos. Vem comungar da Alegria de como, há 25 anos, Pai Américo entrou no Reino daqueles que merecem recompensa pelo amor ao Próximo — a nós outros.

Vamos comungar a alegria de termos deixado a valeta, de não sermos Lixo das ruas.

Vamos afirmar a todos quantos amam a nossa Obra, que nós somos o fruto maduro do seu amor.

Vem conviver com o teu amigo d'infância, o companheiro das tuas brincadeiras e tropelias.

Sugerimos um programa simples: Aparece tu e os teus. Vais gostar.

● 16 de Julho, no TOJAL: 12 h. celebração com o sr. Arcebispo de Mitilene, depois almoço de confraternização.

● 19 de Julho, em SETÚBAL: 9 h. concentração de todos quantos passaram por essa Casa, e não só, no Lar do Gaiato da cidade; daqui, seguirão para a nossa quinta em Algeruz — conforme o Ernesto referiu na última edição de O GAIATO.

● Em PAÇO DE SOUSA está programado o seguinte: Chegada da embaixada lisboeta pelas 20 h de 17 de Julho. No dia seguinte, às 8 h alvorada (pela cabra, é evidente); 9 h, pequeno-almoço no hotel (conhecido de todas as gerações); 10,30 h, jogo de futebol entre velhos e novos; 13 h, almoço; 16 h, reunião de trabalho e confraternização, com a eleição da Comissão do Encontro para 1982; 19,30 h, oração da tarde (Terço sem Tribunal); 20 h, jantar; 21 h, actuação do Conjunto musical da nossa Aldeia de Paço de Sousa, que actuou nas Festas pelo norte do País. Domingo, 19: às 9 h, celebração da Missa na capela; 10,30 h, passeio de reconhecimento pela quinta, oficinas e árvores de fruto...; 13 h, almoço à sombra do arvoredor; 17 h, despedida.

Em meados de Junho havia poucas inscrições (ou notícias) de gaiatos da década 40/50! Não morreram todos, com certeza... Se és vivo, fala ao Eurico, na Rosicler, em Lisboa, telefone 360209; ao António dos Anjos (o homem do tacho), no Porto, telefones: 9951696, 9952842; ao Carlos Manuel, de Miranda do Corvo, telefone 52125; em Paço de Sousa, já sabem..., é o telefone 95285 da rede de Penafiel.

No entanto, verdade seja, o que aí fica dito não precisará de mais esclarecimentos. A não ser que sejam agora tantos os senhores atrasadinhos, que tenham de fretar... todas as camionetas da Rodoviária Nacional ou das empresas particulares! Isso é lá convosco.

Eurico

## Uma deprecação

Continuação da 1.ª página

Aquelas paredes ultrajadas são um ultraje à nossa consciência e constituem um desafio irrecusável. Não bastarão agora mil contos (quantas dezenas de milhar!...) para repor aquela Casa ao serviço dos Pobres, senão de bens, pelo menos de saúde. Mas o que resta dela vale também muitos milhares que não é lícito abandonar a maior degradação, até um ponto em que já nada será aproveitável.

Ora como os Responsáveis pela res pública têm sido tantos em tão poucos anos; e a estrada que passa por Montalto não é de primeira classe nem conta muitos eleitores no breve percurso — acontecerá, naturalmente, que não é conhecida deles a ferida que aqui se denuncia. Mas é bom que seja! E, de conhecida, se não demorem a curá-la.

Eis o motivo por que, vinte e seis anos depois, a respeito do mesmo objecto, se volta ao Terreiro do Paço (ou à Praça de Londres) com idêntica deprecação.

Padre Carlos



Director: Padre Telmo

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa